Anno 15.º | Sabado, 30 de Setembro de 1922 | N.º 745

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO DE AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE DA EMPREZA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. «Progresso» a electricidade—Largo Luiz de Camões – AVEIRO.

Redacção e Administração
R. Miguel Bombarda, n.º 21
AVEIRO

A lição dos factos

Continuam as subvenções a ser o caso do dia, porque não se pensa, realmente, noutra coisa todos os dias. Pensa o Governo, pensam os interessados e pensa o paiz. O Governo, a tratos com trezentos e tantos mil contos, por ora, de *deficit*, tendo já assegurado, sabe Deus como, o pagamento dos encargos-ouro e teimando em melhorar a nossa situação financeira, tambem tenta suavisar a do funcionalismo; este reclama contra desegualdades, que se não aplanam sem tempo, e descarrega sobre ele todas as exigencias da carestia da vida, que se não aplacam só á força de dinheiro; e o paiz—este pobre paiz, submetido a tão duras provas—nem talvez já pense na situação que o espera, se cada um, de per si, continúa a gastar sem orçamento, e se a maioria quer viver do orçamento do Estado.

Que nos lembre, da leitura da historia, nunca a embriaguez do presente nos toldou de tal fórma a visão, ou melhor, a consciencia do futuro. Quem fala no dia de amanhã? Só aqueles que adiam indefinidamente o que teem a fazer, dispostos a não fazer coisa alguma. Os outros concentram todos os seus sentidos no presente. O dia de hoje resume para eles a vida, que é preciso tornar fácil, descançada, sem inquietações nem sacrificios. Que importa o mais?

E' este desprendimento geral de que pode vir a causa que mais concorre, desde muito, para a situação embaraçosa em que nos encontramos e em que o maior mal é os que são governados não se entenderem, ou não se quererem entender, com os que governam. Por não contarmos com o dia seguinte é que cada vez ele se nos depára mais incerto e sombrio.

Se temos muito, muito gastamos; se temos pouco, não nos restringimos a gastar o pouco que possuimos. D'ai o *deficit*, que é o pesadelo de todos nós, como do Estado. Se na nossa casa, ou nos nossos estabelecimentos, não tivermos com que o saldemos, voltando-nos para novos recursos, ou cortando a valer nas despezas, arruinâmo-nos ou abrimos falencia, que o mesmo é que confessarmo-nos arruinados.

Todos os funcionarios publicos que não se administram bem, que não poupam, que não prevêem o futuro, como, aliás, todos os cidadãos que não estejam amesendados ao orçamento, são outras tantas parcelas, separadamente leves, mas pesadissimas na soma, para o desequilibrio das finanças publicas. Do tesouro é que saem as diferenças para aqueles se poderem ir aguentando; estes é ainda ao tesouro que recorrem, valendo-se do emprego publico, como expediente ordinario.

E quando o tesouro não puder? Ha de fatalmente chegar-lhe o dia, como chega ao funcionario arruinado e ao comerciante falido. Então, a derrocada é geral e as consequencias só de prevê-las nos horrorisamos.

Contentemo-nos hoje com o que é razoavel dentro dos recursos do Estado, para ámanhã ainda podermos ter alguma coisa. Antes pouco hoje, do que ámanhã nada.

Olhem que a situação é muito séria para todos, se perdemos a serenidade e o bomsenso.

Este artigo pertence ao *Seculo*, que o inseriu na sua edição de 26 e nós reproduzimos como uma prova a mais de que *isto* está irremediavelmente perdido se continuar a orgia em que temos vivido.

Que continúa. Tão moucos e tão cegos se mostram aqueles a quem os constantes avisos da imprensa deviam interessar.

DISSIDENCIAS... ANUNCIADAS

Estamos cançados de lêr que na politica democratica deste districto ha profundos desgostos originados na demissão do ultimo abencerragem que de Oliveira do Bairro aí vinha alguns dias apertar a mão a policias e outras entidades de egual categoria.

E' essa a causa de futuros males? Bolas para tanto sectarismo, bolas para tanto asno e para tanta asneira.

Independente da protecção escandalosa que essa auctoridade dispensou ao director do Museu contrariando o apuramento de toda a verdade respeitante ás graves responsabilidades que impendem sobre Marques Gomes, esse homem incompatibilisou-se absoluta e profundamente com as suas funções, com o proprio respeito por elas, pela sua orientação, pela sua conduta como autoridade suprema do districto.

E' então, por estes motivos, que se apregoam atitudes de revolta contra o directorio do partido?

Tenham juizo, tenham vergonha, senhores! Se assim fôr, sómente evidenciarão o seu estupido sectarismo ou então que todos são simples e puros Costas Ferreiras, aptos a procederem como ele em igualdade de circunstancias!

Ainda por cima

Alguns diarios deram ha dias noticia de que vão além de 2:000 as reclamações recebidas pelo govêrno sobre dividas dos Transportes Maritimos do Estado, cuja ruinosa administração é conhecida em todo o país, atingindo o cumulo da desvergonha.

E não se abrem as portas dos carceres nem aparece um azurrague purificador!

Chegámos, positivamente, á ultima degradação.

O TEMPO

Voltou a chuva e com ela a fresquidão que costuma preceder os rigores do inverno.

São, portanto, horas de ir tirando os agasalhos do prégo...

Cartas em... papel moderno

I—A João Lino, ou a queda do silencio, a proposito do "Elogio do Silencio,,

My Dear: quando hoje entrei no refugio catedralesco de minha casa, já fóra de horas—porque as horas tinham ficado lá fóra, em taboleta sibilina, penduradas ao peito do mercieirismo gorila, visto que eu me habituei a viver fóra das horas, de espirito á margem dos democratissimos ponteiros—Vernous balzaqueanos das *Ilusões Perdidas...*; nessa hora parada e incaracteristica, até ali, do meu tempo, tive um grito-prazer encontrando sobre a Creta literática da minha meza de trabalho, entre umas luvas *perle* de mulher, flôres em perfume e o volume *Initiation aux Théories d'Einstein*; de capa duma côr quimica-furriginosa de oxido intelectual, um envelopesinho raro, *poudré* de elegancia, contendo uma carta apreciadissima e um artigo de jornal assinado pelo nome bisantino de *João Lino*. Coroei-me de alegria. Faltava encontrar este nome adoravel—este nome tão meu, dos meus serões de liturgias egipcias de outros tempos, e que ha mezes andava perdido na Pompeia das minhas distrações. E a minhe sensibilidade considerou *um acontecimento*—um acontecimento no meu tempo! E de emoção prostrada como fetiche hindu, ouvi então nitidamente, no remoinho ardente da minha vida, o relogio bater as *duas* da madrugada!...

Você, sabe; eu só marco as horas pelos grandes acontecimentos do meu espirito.

Como veio isto ter aqui, ao terceiro andar da grande *square* alfacinha, a este aposento fechado onde a luz artificial jorra durante todo o dia o seu delirio ruivo-morbido sobre a prisão celular de meus sonhos?

Eu lhe explico.

Um amigo a quem certa tarde falei da existencia bizarra de João Lino, ultra-*raffiné* perdido na turba marasmática dos homens de genio... mau—ou simplésmente de mau-genio—flôr rara de orientalismo e decadencia mordorada de eteresisações magentas de elegancia; uma figura sceptica de Nietysche espreguiçando-se na alma indolente de um asiático; um enxadado, um sensivel até ao mais exagerado babilonismo de emotividades, um narciso em estética, enfim, que soubesse de cór todos os versiculos do *Alkoran* e todas as caricias secretas dum corpo de mulher; esse amigo, pois, a quem revelei a existencia derte Exótico, deste doentio individuo—*caso d'arte*, um pouco Fradique Mendes e um pouco Rima de Samain, teve o cuidado feminil de me enviar para aqui um retalho de qualquer gazeta anonima onde viu, de admiração lisongeada, que João Lino subscrevia, como na seda nipónica dum lenço de mulher, um feixe de paradoxos—os paradoxos do seu silencio: *Elogio do Silencio*!

Sento-me devagar. E' a primeira vez que o encontro em letra redonda. E isto leva-me a interroga-lo ácerca do mau pensamento que teve em romper com o silencio em que adoravelmente se fazia anestesiar do terra-a-terra indigena para vir para esta Costa d'Africa das letras sugeitar-se ás miragens do deserto... mental, ás furias das raças primitivas tatuadas de egoismo, aos ciclones, aos combates, ás tempestades... E esquece-se que é o proprio a abrir a queda do silencio vindo cá fóra fazer o seu elogio!

Não, meu amigo, a sua teoria maravilhosamente deposta no estilo doce da sua pena, é espantosamente falsa. Ser silencioso na epoca em que vivemos já não é tentar a perfeição—o menos, o que se poderá tentar é a *irrisão*.

O silencio poderia, na verdade, ser um alto atributo de ascendencia mas perante uma sociedade de cultura e equilibrio de maneiras; para as gentes de hoje, o silencio, olhado de travez, é uma marcha atroz, é a derrota do homem.

Ser silencioso não póde ser *viver dentro de nós mesmo*, como proclama, mas sim viver fóra de nós, desinteressado do nosso Orgulho e submetido ao cinismo bronco do exterior. Daqui a falencia do ideal sonhado no silencio.

Hoje, nesta orgia sabatica de ambições que é, afinal, a existencia humana—uma existencia de *sud-express*, vertiginosa, violenta, impelida de perfidias fuliginosas, sibilante de odios, vomitando despresos, a tarefa da Beleza é uma tarefa heroica de esforço, uma epopeia titanica de gxitos e vociferações, de lutas e subtilezas a opôr ao ambiente, a largar para o Azul!

E alma humana é, na hora vermelha que passa, uma oficina metalurgica de sentimentos. O artista terá que ser o operario intelectual desta oficina, a dobrar á bigorna, entre fulgencias e blasfemias, o metal candente da sua arte. Ora nesta ambiencia tentacular o silencio será uma *boutade* glacial...

Não, meu amigo: o silencio é a morte—è o suicidio da febre, e febre é criar. Por isso estar em silencio, *é não criar*.

O silencio não cinzela, não estatualiza: guarnece, decora sómente. Quando chega a ser uma arte, é ainda uma arte á margem da vida, destinada a pôr em destaque os relevos centrais. O silencio só serve para nós exibirmos em certos momentos as linhas peregrinas ou o corpo fremente da Obra que arrancamos da nossa agitação interior.

E' ainda um engano pensar-se que a criação artistica ou intelectual, vinda da meditação, è obra do silencio. De maneira nenhuma. O artista qnando medita vive o seu mundo fantastico de alucinações, o seu grande mundo visionario, riscado de conflitos, de extasis e vozeios paroxismantes. Sonhar é estar em tropel. Toda a criação é um produto de intranquilidade.

E mais lhe diria, meu doce amigo, se não temesse enxadar mais o silencio olorante em que o fecha o seu nirvanismo-esteta. Assim, só lhe direi que para o dinamismo irisante do meu espirito que admira Marinetti e Einstein, adora os cravos vermelhos e ama Verhaeren e as velocidades learisantes—o extase da velocidade é mais voluptuoso que o da quietação—só lhe direi que me é tolerante o silencio:

— Depois dum beijo vibrante, em ogiva, fumando *egipcios* nostalgicos com uma mulher linda, forrada de *ivresse* e veludo negro

— ou sorvendo a tarde nas penumbras arabe-sensuais do seu *estudio* afagante, com os carvões aromaticos a arder liturgicamente sobre as cinzas leves das palavras do seu

António de Cértima.

Uma formula

Segundo o *Correio da Manhã*, orgão monarquico de Lisboa, o problema financeiro, a questão economica, a questão de ordem publica, a questão cambial e a questão internacional só se resolvem no nosso país proclamando-se a monarquia!

Se os monarquicos não encontram outra formula bem pódem ir tratar das bombas que é oficio mais leve...

Tanto dinheiro!

A Alemanha deve-nos, segundo uma nota do govêrno, nada menos de 223 mil contos. Pois nós apostâmos dobrado contra singelo em como dessa massa toda nem um centavo aproveitará á vida economica do paiz.

Se já não existe dinheiro que farte os comedores do Terreiro do Paço e arredores...

Banquete monstro

Ouvimos que deve ser inaugurada nos primeiros dias do mez proximo uma nova hospedaria, cujos grandes salões se estão preparando para neles terem entrada os numerosos convivas a um banquete monstro oferecido a uma das maiores figuras politicas que ultimamente se tem evidenciado entre nós.

Ha quem opine por que se aguarde o regresso do *futuro dirigente da nação* para presidir á festa, mas o homenageado não está muito pelos ajustes por se encontrar ainda singrando a ferida da comedêla da Escola Industrial e outras com as quaes se mostra pouco contente.

Segundo nos informam ha já cerca de 500 inscrições, faltando ainda as comissões de fóra que *voluntariamente* acudiram ao desagravo do anfitrião por causa dum apertosinho nos... calos.

Só para fogo é uma fortuna!

O Democrata vende-se no kiosque Raposo, Praça Marquês de Pombal—Aveiro.

O Museu

Sabemos que depois da scena passada com Marques Gomes, cuja prisão noticiámos, este resolveu pedir a demissão do cargo de director do Museu, mandando, nesse sentido, um requerimento para Lisboa.

Quanto a nós, Marques Gomes acordou tarde de mais para que possa ser atendido. E dizemos assim porque nesta altura é obrigação moral do ministro só lha conceder como uma das consequencias logicas do seu irregular procedimento, ou seja quando concluida a sindicancia e estiver de posse do respectivo relatorio onde muitas provas devem existir que justifiquem esse castigo.

Por agora o que é necessario é que a sindicancia termine e terminada ela que a Marques Gomes seja dado o premio que merece em virtude dos roubos draticados.

Sr. Ministro da Instrução: V. Ex.ª neste sujo caso de Aveiro, tem dado já sobejas provas de uma rara independencia de caracter e invulgar honestidade. Nas suas mãos se encontra o remedio para o mal proveniente dos poucos escrupulos de Marques Gomes como director do Museu. Aplique-o e terá os aplausos da cidade de Aveiro, dos republicanos de Aveiro, de todo um povo, enfim, sedento de justiça e que só aspira ao triunfo da moralidade nesta hora cheia de incertezas, pejada de constantes amarguras.

Definindo campos

Um orgão republicano de Lisboa, ocupando-se das proximas eleições administrativas, que devem efectuar-se em novembro, escreve:

O partido democratico tem feito da Republica um monopolio, para seu uso exclusivo. A ponto tal que, em se tratando de beneficios e de proventos, aparece sempre a frase já consagrada:

— Quem não é democratico é inimigo de si mesmo.

Partido privilegiado, arrogou-se o direito de só considerar republicanos os cidadãos que nas suas fileiras tivessem praça assente.

Um monarquico fazia-se democratico?

Passava logo a ter fóros de republicano incontestado. Vermelho autentico, inimitavel republicano.

Mas se outro monarquico se fazia evolucionista ou unionista, reformista ou federalista, continuava a ser, do mesmo modo, monarquico. Não lhe era dada a carta de alforria sem se banhar na agua lustral do democratismo.

Quando se julgou senhor absoluto do paiz, levou o seu feroz exclusivismo ainda mais longe. Todos os grandes vultos da propaganda republicana, que não foram para o partido democratico, passaram a ser ou suspeitos de monarquismo ou, pelo menos, maus republicanos. Pessimos republicanos.

. . . .

A que proposito veio isto?

A proposito das eleições municipais.

Está bem que todos os republicanos se unam, para evitar uma derrota á Republica. Para

Por Oliveira de Azemeis

DE LANTERNA EM FOCO

Um pequeno parentesis

Ao abrir o ultimo numero de este jornal vi que as azas negras duma grande gralha tinham encoberto o nome do novo fotografado, deixando o tipografo na persuasão de que o artigo vinha sem epigrafe para que continuasse no cabeçalho *O sr. dr. Antonio Joaquim de Freitas em falencia irreparavel.* Se o tipografo tivesse a pachorra de lêr o artigo que ia compôr, tarefa que raras vezes estes homens desempenham para não ofender o seu profissional automatismo, veria logo que se tratava dum novo fotografado, dum outro Castro-Leão, e que de facto havia de existir uma nova epigrafe que estivesse de harmonia com os dizeres do artigo e devia tê-lo procurado na dobra de algum desleixo ou na sombra de algum engano ou esquecimento. Se tivesse lido primeiramente o artigo, por força tinha-se lembrado de que era preciso enxutar as gralhas para vêr a realidade e não deixar saír asneira. Não o fez por uso e costume e o cabeçalho dos ultimos artigos continuou no mesmo logar. O novo artigo, que tinha por epigrafe **O sr. Horacio de Jesus Ribeiro, o menino Jesus, no altar do sr. dr. Juiz,** ficou com a mascara do snr. dr. Freitas. Foi uma sensaboria, não para os trocados porque estes estão no mesmo grau de honestidade, mas para o leitor. As gralhas que aqui e além aparecem, provam que o tipografo estava em verdadeira maré de infelicidade. E' a unica razão plausivel para a justificação do desleixo, do engano ou esquecimento. Cheguei a pensar no medo que o tipografo tivesse de ser um dia julgado pelo snr. dr. Juiz desta comarca em sentença sem depoimentos escritos e sem recurso, mas soube que não é homem medroso. Pensei tambem que a *élite* intelectual do mercantilismo oliveirense, mais conhecida pelo nome de sucia dos Castros-Leões, já lhe tivesse deitado as garras, manchando-lhe a honra e dilacerando-lhe o caracter. Tive que pôr esta ideia de lado, porque informação fidedigna me afiançou de que essa desgraça ainda não tinha caído sobre o pobre tipografo. Lembrei-me ainda de que fôsse das relações da comadre e do meretissimo dr. Juiz desta comarca, mas imediatamente pessoa de todo o crédito e que bebe do fino me garantiu que o nosso tipografo não gosta de lombos nem de salpicões e que nunca viveu em Ceia nem lá foi quando o nosso dr. Juiz foi presidente do tribunal daquela comarca, aonde ainda hoje é bem lembrado.

Perguntei se era religioso e se era catolico apostolico-romano, porque desejava saber se adorava o menino Jesus, se resava, ajoelhado nos degraus do altar do Divino mestre, fervorosas préces á Senhora do Livramento e se em côro e de alma enlevada psalmeava os triunfos brilhantissimos de conversão á fé daqueles cuja respeitabilidade está fóra de toda a suspeita. Negativa foi a resposta e tão cheia de desespero e revolta que profundamente fiquei arrependido de ter feito a pergunta, amaldiçoando a hora de tal lembrança ao vêr que duas grossas lagrimas sulcavam as faces rugadas do nosso pobre tipografo, que entre soluços murmurava: «nunca menti, nunca perjurei; nunca a minha palavra de honra serviu para auxiliar, defender ou absolver malandros e ladrões; nunca por nunca fui ou serei Castro-Leão». Essas lagrimas caíram no amago de minha alma, esses soluços ecoaram nitidamente no meu intimo e tudo me levou á convicção de que o nosso tipografo é um homem honrado e de que o uso e costume de fugir a maçadas e de economisar tempo foi a causa de não ter enxotado as gralhas, foi o motivo da troca do cabeçalho.

Absolva-o o leitor desse engano para não lhe aumentar a tristeza e comigo ajude-o a remediar a falta, a minorar-lhe a infelicidade, tapando o cabeçalho do ultimo artigo com uma tira de papel em que haja escrito

VII

O sr. Horacio de Jesus Ribeiro, o menino Jesus, no altar do sr. dr. Juiz

Em recompensa e como gratidão prometo que em breve será arremessado do altar este menino Jesus, de nada lhe valendo as preces da comadre, o oleo da lamparina, nem as sentenças honrosas do sr. dr. Juiz.

Tem mais valor a blusa que trabalha do que o rico que explora.

Lopes d'Oliveira.
(Médico)

evitar um desaire á Republica. Mas que essa união se faça, que essa aliança se estabeleça com direitos iguais para todos os partidos da Republica, segundo as suas forças partidarias.

Uma aliança para ir entregar as maiorias nas camaras de todo o paiz ao partido democratico, não a aceitaremos nunca.

Nós, pela parte que nos toca, não a aceitaremos nunca.

Ninguem, que tenha a compreensão nitida dos factos e das coisas, deixa de estar de acordo com o articulista quanto á primeira parte das considerações feitas sobre a atitude do partido democratico.

O resto, são assuntos partidarios que nada nos interessam, mas que registâmos para um dia comentar se fôr preciso...

NECROLOGIA

Aos estragos duma pneumonia faleceu o filhinho mais novo do nosso amigo sr. Francisco Lopes, gerente da filial dos Armazens do Chiado, nesta cidade.

Enlevo de seus paes, mal curados ainda da dôr causada pela morte recente duma outra sua filhinha, acompanhamo-los na hora amarga que atrevessam.

UM MARTIRIO

A demora havida na nomeação do novo governador civil, está atingindo as proporções dum verdadeiro martirio, torturando e mortificando os espiritos que anciosamente aguardam a resolução deste complicado caso.

Ele são sonhos de gloria que o despertar desfaz na mais desoladora realidade; ele são sobresaltos, perturbações perigosas com a recepção de telegramas que podem conter a noticia redentora; ele são consultas ás mais afamadas bruxas feitas por pessoas do sexo fragil, pertencentes aos candidatos; ele é um despejão em cartas, em despachos, em solicitações de todas as formas e feitios; ele é, enfim, a prolongação dum verdadeiro martirio para quantos continuam a engulir em seco á espera—coitadinhos!—da pinga d'agua consoladora!

Por Deus, acabe-se com essa tortura, sr. ministro dos interiores, que ha já por aí corpinho numa lastima com o sangue alvorotado...

Notas mundanas

Realisou-se, como prenoticiamos, em Esgueira, o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria Candida Espanha, prendada e unica filha do sr. Antonio Marques Espanha, recebedor em Espinho, com o engenheiro agronomo, sr. Antonio de Oliveira.

Por parte da noiva testemunharam o acto o avô paterno e tia materna e por parte do noivo o seu colega, sr. Alfredo Maia Pereira e a madrinha, sr.ª D. Maria Isabel de Oliveira.

Aos nubentes, com os nossos parabens, o desejo de que tenham uma prolongada e feliz lua de mel.

—Em consequencia dum parto dificil, está perigosamente enferma, na sua casa de Valega, a professora sr.ª D. Adelaide Grijó da Costa, esposa do nosso conterraneo sr. José da Costa.

Fazemos votos pelas suas melhoras.

—Esteve ante-ontem em Aveiro o deputado por este circulo, dr. Manuel Alegre.

—Acompanhado de sua esposa e gentil filha, esteve terça-feira nesta cidade, o nosso velho amigo e acreditado ourives estabelecido em Valença do Minho, sr. Manuel Dias dos Santos, que já regressou áquela cidade.

—Devem partir ámanhã para Loanda, onde exercem o magisterio, o sr. Armando Teles e sua dedicada esposa, a quem desejamos bôa viagem e todas as felicidades de que são dignos.

— Partiu para Vizela a sn.ª D. Maria Trancoso Magalhães.

— Tem estado entre nós o sr. Jeronimo Peixinho.

—Regressou de Viana do Castelo a familia Barreto Sachetti.

Politicos

De *A Patria*, de Lisboa:

O snr. Barbosa de Magalhães conseguiu criar uma situação que desagrada ao partido em que milita e ao paiz. A sua quéda é inevitavel.

Do mesmo jornal, edição do dia 23:

A politica democratica de Aveiro continua a preocupar os antigos influentes. O sr. dr. Alfredo Nordeste, que voltou de ali, ontem, não deve estar nada satisfeito, visto que se dispõe a abandonar a politica, esperando que regresse o seu amigo sr. dr. Barbosa de Magalhães para lhe dar conta dessa inabalavel resolução.

Crê, não o sabe ao certo, se o actual ministro dos Estrangeiros, em viagem triunfal pelo Brazil, se acomodará ou não com a situação que lhe vai ser criada.

O sr. dr. Alfredo Nordeste é que julga ter bastante de politica e recolhe á privada.

Com o sr. Barbosa de Magalhães, nem no escritorio forense ficará, a menos que ele tambem abandone, por sua vez, a politica.

QUEM SERÁ?

No sabado passado, em frente da casa da residencia do sr. Manes Nogueira, em S. Jacinto, foi encontrado o cadaver duma menina, aparentando 18 a 20 anos e vestindo um fato de banho: calças, saia e blusa.

Ainda que não acusasse qualquer sinal de decomposição, foi imediatamente enterrado, junto á capela da Senhora dos Navegantes, acto com que não concordâmos, pois dever-se-ia esperar o maximo tempo até que aparecesse qualquer pessoa de familia da desventurada ou alguem que a identificasse.

Porque se não fez isso?

Serviço Farmaceutico

Encontra-se ámanhã aberta a Farmacia Moura.

Festas á beira mar

Com muita concorrencia de romeiros realisou-se, na Costa Nova, a festa da Senhora da Saude, que no sabado e domingo teve lusido arraial, inundando de alegria a formosissima praia.

As regatas de segunda-feira é que ficaram prejudicadas devido ao mau tempo que sobreveio, mas em compensação o espectaculo da noite supriu bem essa falta pelas horas de inefavel prazer espiritual proporcionadas aos banhistas que, por completo, enchiam o *Salão Araes Ançã.*

Representou-se de tudo e fez-se musica, tendo Vieira da Costa, a quem se deve a maior parte dos divertimentos ali realisados, as honras da noite, isto sem esquecer os elementos que mais contribuiram para o bom exito da recita entre os quaes ainda se podem especialisar, além das suas duas gentis filhas Nené e Corina, as sr.as D. Fernanda de Carvalho, D. Maria da Conceição, D. Natalia Malaquias, D. Maria Angela Guimarães, D. Rosa Marques, D. Angelina Cerqueira e D. Eduarda Miranda, que, juntamente com varios rapazes, todos amadores, se houveram por forma a merecerem os aplausos do numeroso publico reunido nessa inolvidavel noite para apreciar o improvisado grupo scenico.

Na terça-feira, durante uma aberta, ainda se levou a efeito um simulacro de regata, depois duma partida de *Volley-Ball*, não obtendo, porém, o sucesso costumado em consequencia da inconstancia do tempo.

Na Barra a festa da Senhora dos Navegantes ficou totalmente prejudicada, limitando-se a uma reunião dançante na assembleia em que tomaram parte as principais familias que ali se encontram a veranear.

Viagem presidencial

O sr. dr. Antonio José de Almeida embarcou no dia 27, no *Arlanza*, para Portugal, tendo tido uma despedida afectuosissima por parte dos brazileiros e, especialmente, da nossa colonia, a quem a presença do venerando chefe do Estado no Rio de Janeiro encheu de jubilo, como demonstrou em todas as manifestações feitas em sua honra.

O *Arlanza* é um vapor de carreira, pertencente á Mala Real Inglêsa e que foi tomado naturalmente com receio do *Porto* não cumprir a obrigação...

Vergonha das vergonhas.

Correspondencias

Rio de Janeiro, 9 de Agosto

Costumado, como estou, a mandar noticias aos leitores de *O Democrata* assim que chegue a terras de Santa Cruz, embora tarde vou enviar-lhe as minhas primeiras impressões após a chegada á capital brazileira.

Oito anos de ausencia em Portugal foram oito anos de grande progresso na grande capital sul americana. Uma vez no Rio e conversando com amigos antigos, a principal preocupação da nossa colonia era a chegada dos heroicos conquistadores do ar.

Esse dia de gloria chegou, sendo a 17 de Julho que os intrepidos aviadores fizeram evoluções sobre a Guanabara onde o mundo inteiro tinha fixos os seus olhos. O desembarqne de Sacadura Cabral e Gago Coutinho foi tão imponente que até hoje não há memoria duma coisa assim. Descreve-lo é impossivel. Hoje viajam de Estado para Estado e as manifestações contiuuam.

—Mais uma grende preocupação se está agitando no meio português: a Grande Exposição Internacional do Rio de Janeiro.

As festas da independencia, é certo, vão começar em principios de Setembro, mas a inauguração da grande exposição só será feita em Fevereiro de 1923 devido ao atrazo em que se encontram os pavilhões tanto nacionaes como estrangeiros. A representação portuguêsa nessa exposição consta de dois lindos pavilhões que estão sendo construidos sob a direcção da firma Terra & Irmão e cujo material e pessoal já vem a caminho no «Pedro Nunes». E Portugal, dizem, vai ser, pois, o *gancho* dos pavilhões estrangeiros. A colonia portuguêsa folga muito com isso.

—Para festejar o dia 6 de Agosto data em que se realisa a festividade de N. S. do Rozario, em Nariz, um grupo de rapazes dessa freguezia composto dos srs, Guilherme Francisco Luizo, Abel da Costa, José Francisco Luizo, Josè Domingos Loureiro, David Mauricio e Manoel Domingos Loureiro resolvelam fazer, por suas mãos, uma *caldeirada á portugueza*, dando em seguida um prsseio pela cidade. No fim do jantar. que constou de peixe, vinho e cerveja foram levantados brindes a Portugal, ao Brazil e houve tambem quem se lembrasse de *O Democrata*.

Para concluir direi que o sr. Abel da Costa brindou pelas prosperidades da sua terra. Todos os comensaes desejam receber *O Democrata*.

C.

"O DEMOCRATA,,

Assinaturas

(Pagamento adeantado)

Portugal, ano	2$50
Semestre	1$50
Colonias, ano	5$00
Brazil e estrangeiro, ano	10$00
Avulso	$10

Anuncios

Por linha (1.ª pagina)	$40
» (2.ª pagina)	$25
Comunicados	$20

Contagem pelo linometro corpo 8. Permanentes, contracto especial.